

APRESENTAÇÃO

Apresento com o maior gosto o presente trabalho de António Matos Ferreira, ao mesmo tempo dissertação doutoral e síntese de vários pontos dos seus muitos estudos sobre o catolicismo no Portugal “contemporâneo”.

Depois dos trabalhos de Pinharanda Gomes e Braga da Cruz, verdadeiros fundadores desta linha de investigação, começa a evidenciar-se que a apresentação do nosso catolicismo oitocentista como mera reacção ao liberalismo, unívoca e sem matizes, esquecia o considerável caudal de iniciativas pessoais e de grupo que, sob a designação genérica de “movimento católico”, quis restabelecer em termos novos a presença eclesial na sociedade portuguesa. Termos novos que incluíam frequentemente os valores socioculturais propostos e apetecidos pelo mesmo liberalismo.

Sem esquecer o estudo global de Vítor Neto – *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)* – e na esteira de outros trabalhos sobre figuras do “movimento católico”, de que destaco a tese de doutoramento de Eduardo Cordeiro Gonçalves – *Católicos e política (1870-1910): o pensamento e a acção do Conde de Samodães* –, António Matos Ferreira oferece-nos agora o seu trabalho intitulado *Um católico militante diante da crise nacional: Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914)*.

Após mais de duas décadas de investigação e publicação, que já o tornaram numa referência sólida e indispensável para quem verse qualquer matéria conexas com a sua, entre nós e no estrangeiro (designadamente em França e Espanha), Matos Ferreira realizou um trabalho de grande maturidade, onde o inventário das fontes – particularmente difícil pela abundância geral e as poucas indicações

prévias acerca delas –, a respectiva interpretação e tratamento, as referências bibliográficas, os anexos documentais de inéditos e a própria qualidade literária reconstituem sugestivamente a vida e a obra duma personalidade pouco conhecida, mesmo do público universitário, ainda que altamente merecedora de atenção, como neste trabalho se comprova.

Sobre a escolha do biografado, permito-me insistir no seguinte: Abúndio da Silva não tem formação nem currículo tão consistentes e diversificados como outros mentores do “movimento católico”, clérigos ou leigos: não tem a teologia de Samodães, a literatura de Sena Freitas, a política de Casal Ribeiro ou Barros Gomes... Seria aliás interessante evidenciar a raiz geracional destas e outras figuras do “movimento católico”: não é o mesmo estudar em Coimbra nos anos 40, como Samodães, Casal Ribeiro (ou João de Lemos), e frequentar a mesma Universidade no final do século, como aconteceu com Abúndio da Silva, imediatamente antes da fundação do CADC. Mas, na vivacidade e rapidez do seu percurso mental, protagonizou como poucos, quer a evolução – não unívoca – do “movimento católico”, quer a nova articulação entre cidadania e crença. Abrindo até caminhos que, um século depois, não estão sobejamente trilhados. Por isso, creio que a escolha desta personalidade permitiu a Matos Ferreira desenvolver uma tese reflexiva e lúcida sobre as temáticas maiores do referido “movimento”, até no contraste em que surgiram.

Destaco ainda a criatividade com que o percurso do biografado é traçado. Começando pelo fim, pelas notícias referentes à morte de Abúndio da Silva, Matos Ferreira começa afinal pelo princípio, ou seja, pelo biografado enquanto história e tema historiográfico. Na verdade, será esse o campo da história, aí mesmo distinto da notícia ou do jornalismo, de que ela se alimentará, aliás. O estudo de alguém exige distanciamento dele, observação geral dos factores e circunstâncias, conexões mais ou menos alargadas, só assim apercebidas.

E é sobre este primeiro esboço da figura, pelas suas repercussões póstumas, que o quadro começa a ganhar definição e colorido, numa série lógica e bem cadenciada de capítulos: a formação do biografado, de Viana do Castelo a Coimbra e ao Porto; o respectivo enquadramento mental, bipolarizado entre religião e sociedade, em coincidência epocal e tensão mútua; a “crise nacional”, como catalizadora de representantes das duas – sociedade e religião – de modos próprios e contrastados; a liberdade da Igreja como tal, que acabou por resultar como prática e definir-se como conceito, por entre muitos mal-entendidos, da

Monarquia para a República; a restauração católica como Abúndio da Silva a propunha, numa visão geral que não esquecia itens tão distintos como complementares, quais sejam o respeito mútuo entre a Igreja e o Estado, o lugar da mulher na sociedade, a educação religiosa ou o papel do clero; a coexistência de religião e cidadania na mesma pessoa, como era o caso do biografado, sem oposição nem confusão, antes mútua potenciação dessas duas qualidades; requerendo isto mesmo uma atenção já moderna à realidade sociopolítica propriamente dita, no respeito de crentes e não crentes, dentro da cidadania comum, e encontrando na convicção religiosa um motivo mais – e último – para se interessar pelos outros e por tudo. Balizando este desenvolvimento, a apresentação e a conclusão, lançam e consolidam as suas linhas mestras, que permanecem sempre consequentes e claras, duma clareza que só a muita reflexão permite alcançar e oferecer.

Em suma, felicitando Matos Ferreira pelo seu excelente trabalho, não felicito menos os seus leitores por esta oportunidade que têm de conhecer Abúndio da Silva e uma fase sumamente criativa do catolicismo português.

Manuel Clemente
Director do CEHR